

**UM MODO E DUAS MORFOLOGIAS:
A EXPRESSÃO DO SUBJUNTIVO
EM SÃO PAULO (SP) E SÃO LUÍS (MA)**

Wendel Silva dos Santos (USP/CNPq)
wendelssantos@usp.br

RESUMO

Este trabalho, que se fundamenta nos pressupostos da sociolinguística variacionista (LABOV 1972; 1994; 2001), objetiva analisar os casos em que o modo subjuntivo é variavelmente expresso – com morfologia própria de subjuntivo ou com morfologia do indicativo – em casos como “*acredito que eles falam dessa forma*” e “*acredito que seja a melhor oportunidade*”. 1800 ocorrências desse fenômeno são estatisticamente analisadas com o GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) no sentido de verificar que fatores se correlacionam à seleção dessas morfologias. Os dados são extraídos de 72 entrevistas sociolinguísticas realizadas com 36 paulistanos e 36 ludovicenses, estratificados de acordo com seu sexo/gênero, três faixas etárias (18 a 35 anos; 36 a 59 anos e mais de 60) e dois níveis de escolaridade (ensino médio e superior). A discussão dos dados parte da impressão, por parte de falantes nativos de PB, de que os paulistanos em geral não empregam o subjuntivo. A análise comparativa permite verificar que o indicativo é mais frequente nesses casos de subordinação em ambas as cidades, mas os paulistanos utilizam subjuntivo um pouco menos frequentemente do que os ludovicenses. Os contextos de seleção, nos dados ludovicenses mostram que a faixa etária é o fator que se correlaciona à seleção da morfologia do indicativo, parecendo haver um indicativo de mudança se iniciando na capital maranhense; quanto aos dados paulistanos, cabe aos grupos de fatores *verbo da oração principal* e *sexo/gênero* a correlação com a seleção da morfologia do indicativo.

Palavras-Chave:

Varição. Subjuntivo. Indicativo. Português paulistano. Português ludovicense.

1. Introdução

Este trabalho faz um recorte da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo, intitulado “A morfologia do indicativo na expressão do modo subjuntivo em São Paulo e São Luís”¹²⁶. A partir da proposta teórico-metodológica da sociolinguística variacionista (LABOV 1972; 1994; 2001), este estudo investiga a expressão do modo subjuntivo – ora com morfologia do indicativo, ora com morfologia própria do sub-

¹²⁶ Este projeto de mestrado é orientado pelo professor Dr. Ronald Beline Mendes (DL-USP), e financiado pelo CNPq, processo nº 134072/2012-0.

juntivo – em casos como:

(1)

ela mora pra lá de Campinas né não sei [acho] [que seja Jundiá] (SPM1B-NicolauS.)

(2)

é maravilhoso o lugar onde eu moro... tranquilo... não tem vizinhança... a vizinha é assim eh... como... sabe... anda [acho] [que é dois metro] (SPM1B-NicolauS.)

Esses contextos de subordinação a verbo não são os únicos casos nos quais a variação entre as formas do subjuntivo e do indicativo é possível. Dizendo isso de outro modo, é possível que haja contextos de variação em orações com subordinação direta a um nome, a exemplo de (3) e (4) a seguir.

(3)

mais pra frente [eu pretendo morar num condomínio] [que tem um pouco mais de segurança]. (SLF3S-ElisangelaS.)

(4)

D1: E tu já andaste a cavalo?

S1: Sim agora eu fui andar de cavalo e cáí de cavalo literalmente andar de [cavalo é uma coisa] [que a gente olhe assim], acha tão fácil mas não é (SLM2S-AdrianoP.)¹²⁷

Há, ainda, um terceiro conjunto de dados em que é possível se verificar a variação entre a morfologia do indicativo e a do subjuntivo, na expressão do modo subjuntivo. Esses dados dizem respeito aos contextos nos quais a noção de *irrealis* (cf. BYBEE; FLEISCHMAN, 1995) não está única e exclusivamente atrelada à morfologia verbal; em outras palavras, nesses casos, há mais de um elemento que expressa tal noção nas sentenças ligadas por subordinação, a exemplo de (5) a (10).

¹²⁷ Nos exemplos, *D1* e *S1* referem-se, respectivamente, a Documentador e (Sujeito) Informante. Os códigos entre parênteses, logo após os trechos das entrevistas indicam a cidade do informante (São Paulo ou São Luís), o seu sexo/gênero (Masculino ou Feminino), a faixa etária (1, para informantes que estejam entre 18 e 35 anos; 2, para informantes que estejam entre 36 e 59 anos; e, 3, para informantes que estejam com 60 anos ou mais) e seu nível de escolaridade (B, para aqueles que possuem até a educação básica, e S, para os informantes que possuem ensino superior). Os nomes próprios são, na verdade, pseudônimos – no sentido de preservar a identidade dos informantes. Informações mais detalhadas sobre os informantes podem ser encontradas a seguir no tópico sobre o *corpus* e a metodologia do trabalho.

(5)

D1: quanto tempo você demora pra...

S1: duas horas [se eu fosse pegar transporte] [eu demoro duas horas...] é assim... como eu moro aqui/ como eu trabalho aqui eu tenho que pegar um ônibus... até Pinheiros... (SPM1B-NicolauS)

(6)

S1: [se ele não era meu amigo mesmo] [ele não teria falado comigo]... eu acho... (SLM3S-AndresonR.)

(7)

S1: mas [é uma amizade mais intensa] [embora tem menos tempo] (SLM2B-Ronaldo)

(8)

S1: [embora eu more no outro bairro] [eu joga no time da onde que eu cresci] (SPM2B-NelsonF.)

(9)

S1: nunca durou muito tempo meus comportamentos estereotipados assim de ah cara estudioso

D1: aquela primeira visão ah ele é comportado daqui a pouco... acabava rapidinho nãoera nunca

S1: não sei eh [talvez eu tenho transtorno de comportamento] (SLM1S-EduardoE.)

(10)

D1: que que tem de ruim no paulistano

S1: não sei se tem um ufanismo eu acho que tem outros outros lugares que o pessoal é mais bairsta eu não... sei se o paulistano é... bairsta assim... eh de ruim... não sei [talvez seja muita falta de educação no trânsito...] isso é péssimo (SPM3B-RodolfoR)

Nesses casos de (5) a (10), dizer que a noção de *irrealis* não está “concentrada” na morfologia verbal significa dizer que os elementos em negrito (*se*, *embora*, *talvez*) participam da composição semântica desse conceito.

A organização desses três conjuntos de dados (de subordinação a verbo, de subordinação a nome, e de contextos em que a noção de *irrealis* não esta unicamente atrelada à morfologia verbal) interessa, neste artigo, para que se afirme que as análises quantitativas se concentrarão no primeiro conjunto de dados apresentados, ou seja, nos casos de subordi-

nação a verbo, como em (11) e (12).

(11)

D1: e a senhora queria que a sua filha visitasse mais a senhora?

*S1: ah eu queria né mas eu sei que ela foi pra buscar as melhora dela né... aí mas uma mãe sempre quer seus filhos mais perto [eu **queria**] [que a minha filha viesses mais]... (SLF3B-GrazielaD.)*

(12)

*S1: eu cuidava de uma senhora... é que eu sou técnica em enfermagem né... aí a filha dessa senhora que eu cuidava [ela **queria**] [que eu vinha toda noite cuidar da velha] aí eu disse que era muito puxado assim... muito ruim né toda noite... (SLF2B-AdalbertaC.)*

Contudo, antes que se prossiga à análise quantitativa dos dados, traz-se uma rápida discussão acerca da noção do modo verbal subjuntivo, amplamente discutido nos compêndios gramaticais.

2. O modo verbal subjuntivo

Nas palavras de Zágari (2009, p. 77), “a língua funciona sincronicamente e se constitui diacronicamente”. Nesse sentido, para planejar a descrição e a explicação do emprego variável da morfologia do indicativo e do subjuntivo na expressão do modo subjuntivo, no português contemporâneo, é interessante lançar um olhar para o passado e nele buscar elementos que forneçam caminhos para a análise de natureza sociolinguística que aqui se projeta.

O termo subjuntivo, do latim *subjunctivus*, significa aquilo que é subordinado ou dependente. Segundo Ilari (1992), apesar de no latim clássico o subjuntivo ser reconhecido como o modo verbal da subordinação, no latim vulgar ele perde terreno para outras formas. Blatt (*apud* BIANCHET, 1996), por sua vez, examina a variação no emprego do modo subjuntivo e do modo indicativo, no latim clássico, e constata que esses modos verbais não possuíam nítidos limites e que, além disso, a indicação de probabilidade e dúvida (*irrealis*) já poderia ser, naquele período, expressa tanto pelo modo subjuntivo propriamente dito, como pelo modo indicativo.

No latim clássico, afirma Blatt (*apud* ALMEIDA, 2010), a relação estreita entre as categorias de tempo verbal e modo verbal possibilitavam, já naquela época, a expressão do *irrealis*, tanto nas formas do indicativo como nas formas do subjuntivo. Já no latim vulgar, de acordo com

Maurer Junior (1959), o uso do modo subjuntivo já era mais restrito do que no latim clássico; as funções pertencentes a esse modo verbal já eram também expressas ou por meio do modo indicativo ou pelo uso de estruturas perifrásticas construídas com a utilização de um verbo auxiliar e um verbo principal na sua forma infinitiva.

Segundo Cunha (1985), o modo subjuntivo denota uma ação ainda não realizada, dependente de outra ação, expressa ou subentendida. Além disso, o modo subjuntivo é aquele que indica ordem, proibição, desejo, vontade. Se os modos verbais são em geral definidos a partir da posição do falante diante da relação entre uma ação e seu agente, o modo subjuntivo faz referência aos fatos incertos da língua (cf. BECHARA, 2005).

Até aqui, fez-se um arrazoado de algumas abordagens, na perspectiva da gramática normativa, da expressão do modo subjuntivo. A seguir, trazem-se informações acerca de alguns estudos variacionistas a respeito da expressão variável do modo verbal que aqui se estuda.

3. Estudos variacionistas sobre o modo subjuntivo

A sociolinguística variacionista concebe a língua como uso em comunidade e entende que as mudanças por que passam as línguas não podem ser pensadas como resultado de uma sucessão de sistemas discretos, homogêneos e autônomos (cf. LABOV, 1972). Em outras palavras, entende a língua enquanto produto da atividade humana e enfoca a mudança não somente como função do sistema linguístico, mas também como função da interação da estrutura interna da língua com o processo social em que se realiza (cf. LUCCHESI, 2004).

Essa relação entre fatos internos da língua e fatos sociais já chegou a ser observada em estudos sobre variação e mudança na expressão do modo subjuntivo. Oliveira (2007), por exemplo, analisa esse caso de variação na fala de paraibanos, cariocas e brasilienses, tentando aliar premissas da sociolinguística laboviana à teoria chomskiana de princípios e parâmetros. Linguisticamente, a autora considera que o modo subjuntivo é favorecido pelas variáveis (grupos de fatores) carga semântica do verbo matriz (sobretudo verbos não factivos volitivos), como no exemplo abaixo, e grau de assertividade da oração matriz (mais especificamente, o “estado de negação”)

(13)

D1: e a senhora acha que as pessoas devam continuar trabalhando mesmo se elas têm muito dinheiro?

*S1: sim... claro que sim... e [eu **espero**] [que todas as pessoas pensem assim como eu]... (SLF3S-ElisangelaS.)*

(14)

*S1: [eu sempre **desejei**] [que ela tivesse sucesso] nas ideias nos planos dela. (SPM2B-NelsonF.)*

Além disso, a autora verificou que, com base em dados do português falado em Brasília e no Rio de Janeiro, o modo subjuntivo, além de ser selecionado diante de verbos volitivos (15), tende a ocorrer também em “predicados indiferentes de opinião/suposição” (16):

(15)

*S1: quando eu terminei o terceiro ano [a minha mãe não **queria**] [que eu fizesse enfermagem] (SLF1S-PalomaR.)*

(16)

*meu pai era rígido mas ele não gostava de bater na gente mas ele era rígido [nas coisas que ele não **queria**] [que a gente fazia] (SLF3B-AnaC.)*

Todos esses exemplos evidenciam que a morfologia do subjuntivo poderia ser selecionada nesses contextos de subordinação. Especificamente com relação aos dados da Paraíba, Oliveira (2007) considera que, embora o emprego do subjuntivo seja quase categórico em contextos *irrealis*, sua frequência decresce com certos verbos; nesse caso (incerteza e possibilidade), seria a interpretação semântica do verbo da oração principal que definiria o modo subjuntivo, e a morfologia do subjuntivo propriamente seria “dispensável” (no caso do exemplo abaixo, a forma seja).

(17)

D1: e você sabe um grupo assim que fale dessa forma?

S1: um grupo?

D1: um grupo de pessoas... de paulistanos... talvez de um bairro pra outro não sei.

*S1: não um grupo de paulistano acredito que o pessoal... o pessoal do Embu-Guaçu Cipó ali que é depois de Parelheiros [**acredito**] [que eles falam dessa forma] (SPM2B-NelsonF.)*

Assim como Oliveira (2007), Fagundes (2007) pesquisa a alternância entre o modo subjuntivo e o modo indicativo no Paraná, com da-

dos do Projeto VARSUL. Numa análise multivariada, o autor verificou que as variáveis *localidade*, *faixa etária*, *grau de escolaridade*, *sexo* do informante, *tipo de oração* e *modalidade*, revelaram-se estatisticamente significativas para a explicação do fenômeno. No que concerne aos fatores linguísticos, seus resultados mostraram que as orações subordinadas substantivas e as orações independentes, bem como as modalidades de *conduta* e de *desejo* do falante, correlacionam-se à seleção do modo subjuntivo. Quanto à variável *localidade*, a pesquisa evidencia que é na capital, Curitiba, que o modo indicativo é mais frequente – ou seja, constata que o processo de substituição do modo subjuntivo pelo indicativo pode estar em estágio mais avançado na capital, relativamente ao interior paranaense.

Diferentemente de Oliveira (2007) e Fagundes (2007), Pimpão (1999), em seu estudo dessa variável no português falado em Santa Catarina (também a partir de dados do Projeto VARSUL), propõe uma análise que se afasta um pouco do nível morfológico e se aproxima de questões discursivo-pragmáticas. A autora considera que (i) a variação no emprego do modo subjuntivo se dá no *continuum* tempo-modalidade; (ii) o modo subjuntivo é evidenciado em contextos em que há presença de traços de futuridade¹⁰; e (iii) apenas traços de incerteza no contexto não são suficientes para a seleção do modo subjuntivo, a exemplo de

(18)

S1: tem uma moça que lava carro de fim de semana... ela trabalha a semana toda e de fim de semana ela pega uns carros pra lavar então ela sempre vai lá em casa "ai [você não quer] [que eu lavo o carro]" lava o meu carro pra mim lavo o carro (SPF2S-ArianeG.)

Para a pesquisa acerca da expressão variável do modo subjuntivo em variedades do português, conforme se projeta aqui, todos os estudos rapidamente resumidos acima sugerem que o tempo verbal da oração principal e da oração subordinada, o tipo de oração e certas classes de verbos são fatores linguísticos a serem controlados. No âmbito extralinguístico, além de variáveis clássicas (idade, sexo/gênero e escolaridade), a “localidade” se apresenta como um grupo de fatores interessante: em Fagundes (2007), a diferenciação Curitiba/Interior proporcionou observações interessantes sobre a realização do subjuntivo no Paraná; os trabalhos de Grimm (2012) e Poplack (1990) descrevem diferenças no francês falado em Ottawa-Hull e em Ontário. Assim, comparar a fala paulistana com a ludovicense poderá somar resultados interessantes a esse conjunto de trabalhos.

4. Corpus e metodologia

O material analisado compreende amostras contemporâneas do português paulistano e ludovicense. As entrevistas com paulistanos utilizadas nessa pesquisa foram extraídas do *corpus* “Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana” (cf. MENDES, 2011¹²⁸). Foram analisadas aquelas entrevistas em cujo desenvolvimento os entrevistados davam a conhecer sua relação com a cidade de São Paulo, ou, como observam Oushiro e Mendes (2013: 68), “falantes que se identificam com as noções de *paulistanidade* e *cosmopolitismo*”. As entrevistas com ludovicenses foram gravadas e transcritas pelo autor deste trabalho, no período de fevereiro de 2012 a março de 2013, e seguiram as orientações do Projeto SP2010.

Apesar de seguir as orientações do Projeto SP2010, os roteiros de entrevistas com ludovicenses foram adaptados, pois, se em São Paulo eles foram definidos de modo a proporcionar conversas que identificassem a capital paulista e os naturais dali, em São Luís, para que se obtivesse o mesmo tipo de material, alguns pontos do roteiro de perguntas precisaram ser alterados, sobretudo no que diz respeito à relação do informante com a cidade e ao momento da leitura de uma notícia de jornal (para o que se buscou uma notícia local).

Os sujeitos participantes da pesquisa foram estratificados por seu *sexo/gênero*, dois níveis de *escolaridade* (pessoas que tenham até o ensino médio, e pessoas que tenham pelo menos iniciado o ensino superior), e três *faixas etárias* (18-35; 36-59; e 60 anos ou mais).

As ocorrências foram manualmente extraídas para uma planilha de codificação, após escuta dos áudios e leitura das transcrições. Os dados foram analisados quantitativamente no programa GoldVarb X (cf. SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A seguir, apresentam-se os resultados obtidos a partir das análises realizadas.

5. Resultados de análises quantitativas

Na análise da variação da morfologia do subjuntivo e do indicativo na expressão do modo subjuntivo, foram testados quatro grupos de fa-

¹²⁸ Ver também: <<http://projetosp2010.fflch.usp.br>>.

tores sociais¹²⁹ e quatro grupos de linguísticos¹³⁰ em 371 ocorrências de orações cuja subordinação é direta a um verbo. Realizaram-se três tipos de análises: uma primeira análise, que concentrou “apenas” as ocorrências com paulistanos; uma segunda, “apenas” com os contextos ludovicenses; e uma terceira, que considerou todos os contextos juntos, de modo a se verificar se localidade seria estatisticamente selecionado como grupo de fatores que se correlaciona à variável.

A seguir, na tabela 1, são apresentadas as distribuições gerais dos dados analisados neste trabalho.

Conjunto de Dados com subordinação a verbo	Indicativo/ Total	% com morfologia de indicativo
São Paulo	100/184	54.3
São Luís	64/187	34.2
Total de ocorrências	164/371	44.2

Tabela 1: distribuição geral dos dados de subordinação a verbo

As distribuições gerais já parecem indicar que os paulistanos são menos conservadores à expressão do modo subjuntivo, se comparados aos ludovicenses. A distribuição aponta que, numa distribuição equilibrada de dados entre as duas capitais, os ludovicenses mantiveram mais a forma do subjuntivo que paulistanos.

Logicamente que somente com distribuições gerais não se pode afirmar que em São Luís se usa mais subjuntivo do que indicativo, quando se tem a intenção de expressar algo próprio de contextos *irrealis*, e que, ao contrário, em São Paulo, há menos expressão do mesmo modo, por meio de sua própria morfologia. Somente análises multivariadas podem encaminhar discussões desse tipo.

A seguir, na tabela 2, tem-se a distribuição dos dados por faixa etária, o grupo de fatores selecionado como o que mais se correlaciona à variável, quando se tem análises “somente” com os dados extraídos das entrevistas com sujeitos da capital maranhense.

¹²⁹ Cidade de origem dos informantes, Sexo/gênero, Escolaridade e Faixa etária.

¹³⁰ Verbo da Oração Principal, Tempo verbal da oração principal, Tempo verbal da oração subordinada e Grau de assertividade da oração.

LUDOVICENSES					
	Fatores	Indic./Total	%	P.R.	Range
FAIXA ETÁRIA	1	32/71	45.1	.61	25
	2	19/59	34.2	.48	
	3	13/57	22.8	.36	

Tabela 2: distribuição por faixa etária – São Luís

Em São Luís, no que tange ao grupo de fatores *faixa etária*, a forma do indicativo é relativamente mais frequente na fala de sujeitos mais jovens. Sendo assim, parece que está se iniciando um processo de mudança na variedade do português ludovicense, já que a diferença entre mais jovens e mais velhos (Range .25) é bastante evidente.

Os dados paulistanos apontam que, entre os fatores extralinguísticos, é o *sexo/gênero* dos informantes o que mais se correlaciona à variável, enquanto que entre os estruturais o *verbo da oração principal* é o grupo de fatores selecionado estatisticamente pelo GoldVarb, como bem evidencia a tabela 3 a seguir.

PAULISTANOS					
	Fatores	Indic./Total	%	P.R.	Range
VERBO DA ORAÇÃO PRINCIPAL	Cognição	67/80	83.8	.80	.56
	Outros	33/104	31.7	.24	
SEXO/GÊNERO	Masc.	67/111	60.4	.59	.23
	Fem.	33/73	45.2	.36	
TOTAL		100/184	54.3		
Input: .57 Significance: 0.009					

Tabela 3: grupos de fatores selecionados pelo GoldVarb para os dados paulistanos

As análises dos dados extraídos da amostra de fala paulistana apontam que, no que concerne ao grupo de fatores *verbo da oração principal*, há grande favorecimento do indicativo, considerando-se que o peso relativo .80 confirma a hipótese inicial de que verbos próprios do nível da cognição, como achar, crer, pensar e imaginar (os mais recorrentes na amostra) correlacionam-se mais à morfologia do indicativo.

Por outro lado, embora se confirme a hipótese inicial de que seriam os homens aqueles que mais favoreceriam a forma do indicativo na expressão do subjuntivo, não se pode afirmar que há grande diferença entre homens e mulheres, no que diz respeito à variável em foco, já que os homens não se distanciam tanto do ponto neutro. No entanto, as mulheres parecem desfavorecer mais a forma do indicativo, já que o peso relativo .36 é mais distante do ponto neutro relativamente ao peso relativo do resultado apresentado para os homens.

Por último, quando se considerou tanto os dados com ludovicenses quanto os dados com paulistanos, o fator localidade foi selecionado estatisticamente relevante, confirmando a hipótese que afirma que os paulistanos utilizam menos a morfologia do subjuntivo, se em comparação aos ludovicenses. Os resultados para o que se denomina *análise geral dos dados* podem ser verificados na tabela 4 abaixo.

	Fatores	Indicativo/Total	%	P.R.	Range
LOCALIDADE	São Paulo	100/184	54,3	.61	23
	São Luís	64/187	34,2	.38	
FAIXA ETÁRIA	18-35	81/139	58,3	.64	24
	36-59	44/115	38,3	.42	
	60 ou +	39/117	33,3	.40	
	Total	42/391	10,7		

Tabela 5: Análise geral dos dados, considerando-se a cidade de origem do informante

Como se pode observar a partir da análise da tabela 4 acima, têm-se os grupos de fatores *localidade* e *faixa etária* como os mais estatisticamente relevantes. Como já afirmado, a hipótese inicial era de que ludovicenses fossem mais conservadores quanto à seleção da morfologia do subjuntivo relativamente aos paulistanos.

No que tange à *faixa etária*, verifica-se que são os mais jovens os que preferem a forma do indicativo. Verifica-se uma distância consideravelmente ampla entre estes e os sujeitos mais idosos, que, por sua vez, aproximam-se dos sujeitos de segunda faixa etária. As duas últimas faixas etárias parecem seguir em direção contrária a dos sujeitos mais novos. Enquanto estes caminham em direção à mudança, que está se dando em fase inicial, aqueles tendem a manter a forma do subjuntivo em contextos de *irrealis*.

6. Considerações finais

Neste trabalho, fez-se um recorte do trabalho de mestrado que tem como objetivo verificar a expressão do modo subjuntivo em duas capitais brasileiras – São Paulo e São Luís. Para tanto, observam-se três conjuntos de dados: i) dados em que a noção de *subjuntividade* é atribuída por outros elementos presentes na sentença, além da forma verbal em foco; ii) dados em que se tem subordinação direta a um verbo e; iii) dados em que se tem subordinação direta a um nome.

Foram analisadas setenta e duas entrevistas sociolinguísticas, rea-

lizadas com paulistanos e ludovicenses, estratificados por seu sexo/gênero, sua escolaridade, sua faixa etária, e por cidade de origem.

Os resultados, para o conjunto de dados em que se tem subordinação a verbo, apontam que, em São Paulo, o *tipo de verbo da oração principal* e o *sexo/gênero* dos informantes são os grupos de fatores que mais se correlacionam com a expressão do subjuntivo. Em São Luís, por sua vez, é a *faixa etária* o que mais se correlaciona com a variável em foco. Quando se analisa todos os dados (tanto os de paulistanos quanto os de ludovicenses) juntos, a variável *localidade* é selecionada como estatisticamente relevante, confirmando a hipótese inicial de que ludovicenses parecem ser mais conservadores no uso da forma mais prototípica do subjuntivo do que paulistanos.

Análises futuras deverão ser feitas, considerando-se, mesmo que qualitativamente, o grupo de fatores *escolaridade*, a fim de se verificar de que modo comportam-se os sujeitos ludovicenses e paulistanos, tomando como foco o seu grau de instrução. Pretende-se, também, prosseguir com as análises dos conjuntos de dados em que se tem subordinação direta a um nome, além dos casos em que a noção de *subjuntividade* se dá também por meio da presença de outros elementos no interior da sentença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Erica de Sousa. *Variação de uso do subjuntivo em estruturas subordinadas: do século XIII ao XX*. 2010. – Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BIANCHET, S. M. G. B. *Indicativo e/ou subjuntivo em orações completivas objetivas diretas do português: uma volta ao latim*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1985.

FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. 2007. – Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GRIMM, Rick. The variable use of the subjunctive mood in spoken Ontarian French. *Meeting of the Linguistics Society of America*, 86th., 2012, Portland. Meeting Handbook... Disponível em: <<http://www.lsadc.org/info/documents/2012/annualmeeting/handbook.pdf>>. Acesso em: 05-04-2012.

ILARI, Rodolfo. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: Educ, 1992.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Principles of linguistic change*, vol. I: internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change*, vol. II: social factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

MAURER JUNIOR, Theodoro. H. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MENDES, Ronald Beline. *SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana*. 2011. Projeto regular submetido à FAPESP.

OLIVEIRA, Maria do Carmo de. *O uso do modo verbal em estruturas de complementação no português do Brasil*. 2007. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

PIMPÃO, Tatiana. S. *Variação no presente do indicativo do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. 1999. – Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

POPLACK, S. Prescription, intuition et usage: le subjonctif français et la variabilité inhérente. *Langage et Société*, n. 54, p. 5-33, dec. 1990.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: a varia-*

ble rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. O uso do presente na fonética/fonologia do português para explicar o passado. In: SALGADO, Ana Claudia Peters; BARRETTO, Maria Guimarães Saavedra. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao professor Jürgen Heye*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009, p. 75-117.